

## A festa de Nossa Senhora do Rosário na comunidade quilombola dos Teixeiras

### A resistência na fé

Nossa Senhora do Rosário's party in the Teixeira's kilombo community: the resistance on faith / La fiesta de Nossa Senhora do Rosário en la comunidad quilombola de Teixeiras: resistencia en la fe

#### RESUMO

Este artigo versa sobre a festa de Nossa Senhora do Rosário, realizada anualmente na comunidade remanescente quilombola dos Teixeiras, no município de Mostardas, no Rio Grande do Sul. A fé na santa, além de amenizar as agruras sofridas pelo campesinato negro, ainda possibilitou o fortalecimento das redes de fé, de parentescos e de solidariedade pelo litoral.

*Palavras-chave:* Nossa Senhora do Rosário; comunidade quilombola; Teixeiras; fé.

#### ABSTRACT

This article talks about the Nossa Senhora do Rosário's party, thrown annually in the Teixeira's kilombo community, in the city of Mostardas, Rio Grande do Sul. Faith in the saint, in addition to alleviating the hardships suffered by the black peasantry, it allows the strengthen of the faith net, family relationships and solidarity throughout the shore.

*Keywords:* Nossa Senhora do Rosário; kilombo community; Teixeiras; faith.

#### RESUMEN

Este artículo versa sobre la fiesta de Nossa Senhora do Rosário, realizada anualmente en la comunidad remanente quilombola de los Teixeiras, en el municipio de Mostardas, en Rio Grande do Sul. La fe en la santa, además de amenizar los dessoros sufridos por el campesinado negro, ha permitido el fortalecimiento de las redes de fe, de parentescos y de solidaridad por el litoral.

*Palabras clave:* Nossa Senhora do Rosário; comunidad quilombola; Teixeiras; fe.

---

#### Claudia Daiane Garcia Molet

Doutora em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).  
Ganhadora do Prêmio Capes de Tese, na área de História, em 2019  
claudiamolet@yahoo.com.br

---

## A resistência na fé

A comunidade remanescente quilombola de Teixeira está situada na localidade de mesmo nome, no município de Mostardas, no litoral do Rio Grande do Sul, mais especificadamente na faixa de terras entre a laguna dos Patos e o oceano Atlântico. Esta faixa de terras que se estende do município do Rio Grande ao de Palmares do Sul abriga oito comunidades remanescentes quilombolas<sup>1</sup> reconhecidas pela Fundação Palmares: Limoeiro, Casca, Teixeira, Beco dos Colodianos, Vó Marinha, Capororocas, Anastácia Machado e Vila Nova.<sup>2</sup>

As terras que abrigam a comunidade de Teixeira são originadas da herança de seus ancestrais, que legaram bens móveis e imóveis de seus antigos senhores, na primeira metade do século XIX. Teixeira, outrora, era o Campo do Caieira, que fora uma propriedade dos irmãos Ana Tereza de Jesus, Manoel Teixeira Batista e Roza Tereza de Jesus, adquirida por Manoel ainda no século XVIII. O testamento de Ana Tereza de Jesus foi realizado no mesmo ano de sua morte, 1818. Nessa ocasião, informou que, além de Roza e Manoel, possuía mais duas irmãs, Maria Tereza e Isabel Inácia. Elencou as sobrinhas e os afilhados, que receberam algumas reses. Para a irmã Roza, deixou os móveis da casa de moradia, além de dois cavalos. Informou que possuía quatro escravos, cujos nomes eram Francisco, Joaquim, Thomázia e Leonora, os quais deixou em liberdade e a herança de quarenta braças de terras e quatro reses para cada um. Declarou que seu herdeiro universal seria Cândido Dias da Costa, casado com sua sobrinha Thomázia Rosa de Jesus.<sup>3</sup>

No mesmo ano, Manoel Teixeira Batista fez seu testamento, declarando que possuía seis escravos, cujos nomes eram João, Francisco, Manoel, Antônio (que tinha dois anos de idade), Rita e Joaquina, os quais deixou em liberdade, porém somente após o seu falecimento e o da irmã Roza.

---

<sup>1</sup> No ano de 2003, foi aprovado o decreto federal n. 4.887, que determinou que os remanescentes de quilombos fossem aqueles grupos étnico-raciais, segundo critério de autoatribuição, que tivessem uma trajetória própria. Também deveriam possuir relações territoriais específicas, uma ancestralidade negra relacionada com a resistência a uma opressão histórica sofrida.

<sup>2</sup> Sobre os estudos do litoral do Rio Grande do Sul, ver: (Barcellos, 2004; Bittencourt Junior, 2006; Leite, 2000; Lobo, 2010; Ramos, 2011; Prass, 2013; Relatório..., 2009; Silva, 2007; Weimer, 2013; Molet; 2018).

<sup>3</sup> Testamento de Ana Tereza de Jesus, 1818a. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, Arquivo Particular do Campo dos Teixeiras, documento n. 7.

Além disso, registrou que cada escravizado herdaria dez braças de terra e uma atafona.<sup>4</sup>

A última irmã (proprietária da estância) a falecer foi Roza Tereza de Jesus, cujo testamento é datado de 1826. Nele, declara que possuía um pedaço de campo na Caieira, no distrito de Mostardas, com estabelecimento, benfeitoria e morada; listou ainda uma metade de campo em São Simão Velho, além de duzentas e cinquenta reses de criar, quarenta bois mansos, vinte éguas e cento e cinquenta ovelhas. Entre os bens, havia metade de uma casa coberta de palha, dentro da povoação de Mostardas. Ao elencar os legatários, aparecem suas irmãs Isabel Inácia e Maria Tereza, que ganharam uma quantia em dinheiro, e quatro afilhadas que herdaram, cada uma, duas reses de criar. Roza afirmou que, após as repartições dos bens, seu testamenteiro ficaria com o restante do legado em recompensa pelo seu trabalho. Quanto aos escravizados, declarou:

Declaro que possuo cinco escravos: José (nação Benguela), Thomaz (crioulo), Maria (Benguela), Joana (crioula), Inácia (crioula), os quais deixo libertos [...]. Declaro que deixo dez braças de terras testadas e seu comprimento as quais o meu testamenteiro os entregará a cada um destes meus escravos que ficarão forros na Caieira. Declaro que as sessenta braças de terras que tocaram aos seis escravos do falecido meu irmão Manoel Teixeira Batista que ficaram libertos, o meu testamenteiro as entregará do campo da Caieira, em passando esta repartição, das dez braças para cada um, o resto do dito Campo da Caieira fica para todos os quais têm carta de liberdade, tanto os meus com os de meus falecidos irmãos e para *não poderem vender, ficando de pais e mães para filho e o meu testamenteiro, ter conta para eles não venderão*. Declaro que as casas e trastes e benfeitorias e a carreta que se achar fica para estes mesmos escravos, escravos que ficam libertos. Declaro que deixo quatro reses de criar aos meus escravos a cada um, e quatro a cada escravo do falecido meu irmão Manoel dos que ficaram libertos. [...] Declaro que deixo aos escravos mais noventa e seis reses, doze bois mansos, dez cavalos mansos, duas éguas de rodeio e cento e cinquenta ovelhas aos ditos acima libertos e declarados.<sup>5</sup>

---

4 Testamento de Manoel Teixeira Batista, 1818b. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, Arquivo Particular do Campo dos Teixeiras, documento n. 14.

5 Testamento de Roza Tereza de Jesus, 1826. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, Arquivo Particular do Campo dos Teixeiras, documento n. 8 (grifo nosso).

O testamento de Roza Tereza de Jesus traz novos libertos herdeiros, reitera os bens dos legatários de Manoel Teixeira Batista, além de apontar um novo legado aos libertos dos irmãos Manoel e Ana Tereza. Além desse imóvel, Roza deixou a metade do campo, em São Simão Velho, para os escravos da “casa”. Em seu testamento, nota-se que os maiores legatários foram os libertos, que, além de conquistarem a liberdade, ganharam terras, rezes, cavalos, éguas, ovelhas e bois. Sendo assim, o campo da Caieira e a metade de São Simão Velho passaram a ser uma “propriedade” dos libertos.

Um ano depois do testamento, em 1827, o testamenteiro de Roza Tereza de Jesus, Manoel Antônio de Araújo, recebeu o legado dos “pretos libertos”: José, Thomaz, Maria, Joana e Inácia, no valor de um conto e setecentos mil e quarenta e dois réis, distribuído da seguinte maneira: seis colheres de ferro, duas colheres com cabo de pau, uma caixa grande, duas caixas pequenas, um banco de pau usado, dois mochos de madeira, uma cadeira de sola, dois catres<sup>6</sup> de madeira, uma mesa pequena, seis pratos de pó de pedra, uma panela de ferro e uma chicolateira.<sup>7</sup> Além desses bens, havia alguns instrumentos para trabalhar: um moinho de mão, uma serra pequena, uma enxó de mão, um martelo pequeno, um machado velho, duas enxadas, um tear com seus pertences, um arado velho, uma roda de fiar e uma carreta velha. Somavam-se à herança dez éguas de rodeio, cinco cavalos, cinco cavalos macetas, doze bois mansos, cento e cinquenta ovelhas, noventa e uma reses de criar. Por fim, os libertos conquistaram parte das terras onde outrora fora cativo, um pedaço de mato no lugar denominado São Simão Velho, um pedaço de campo na Caieira, com casa de morada e uma casa na Povoação de Mostardas.<sup>8</sup> Desse modo, o legado ajudaria na sobrevivência após a liberdade, pois incluía uma terra para residir e plantar, ferramentas para trabalhar e alguns animais.

A história da comunidade de Teixeiras é caracterizada pela resistência. A faixa de terras entre a laguna dos Patos e o oceano Atlântico é uma localidade marcada pelo difícil acesso e deslocamento. Foi neste contexto que a estrada que atravessa o litoral ficou conhecida como estrada do

---

<sup>6</sup> Leito rústico.

<sup>7</sup> Vasilha para esquentar água no fogão à lenha.

<sup>8</sup> Sentença civil formal de partilha passado à requisição dos pretos libertos José, Thomaz, Maria, Joana e Inácia, 1827. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, Arquivo Particular do Campo dos Teixeiras, documento n. 12.

inferno, pois em dias secos era muito pó e buracos e, em dias chuvosos, muito barro. O asfalto foi colocado somente na década de 1990. Desse modo, os deslocamentos eram precários, somados à situação de pobreza do campesinato negro. Além disso, ocorreram várias tentativas de expropriação de terras das famílias negras, a partir do avanço dos arrozeiros. Quando as terras foram herdadas pelos libertos, tinham pouco valor econômico, especialmente porque havia áreas de banhados, que, segundo a memória quilombola, eram usadas pelas famílias negras para plantio dos produtos do seco, ou seja, feijão, batata e outros legumes. Porém, a partir da década de 1960, com o avanço do plantio de arroz, as terras outrora desvalorizadas passaram a ser de grande interesse da elite. Diante de tantos imbróglios, muitos deles decorrentes da experiência da escravidão, e outros das vivências do pós-abolição, é possível compreender a rede de fé que se espalha por todo o litoral e une diversas famílias negras.

Ramos (2015), ao investigar o ensaio no litoral negro, traz uma entrevista com Seu Orlando, quilombola de Teixeiras, hoje falecido, importante personagem no ritual. Segundo ele, o ensaio começou em 1720 e era utilizado pelos negros para se curarem. No começo, os negros acendiam um fogo e faziam o ritual no meio do mato, pois os brancos não o aceitavam, visto que consideravam a ação um batuque. Porém, os brancos começaram a adoecer e, como não existiam médicos na localidade, nem “meios” para ir a Porto Alegre ou outra região, decidiram autorizar o ensaio.

### Uma rede de fé em Nossa Senhora do Rosário

Weimer (2013), em seus apontamentos finais da tese sobre “a gente de Felisberta”, do quilombo de Morro Alto, em Osório, litoral norte do Rio Grande do Sul, sugere:

Não terá passado batido aos atentos e decepcionados leitores o fato de eu ter apresentado, como epígrafes, um canto do maçambique, dança ritual em louvor a Nossa Senhora do Rosário, e uma letra de música que fala da memória que passa de geração em geração através do toque do tambor. [...] Finalizo retornando ao princípio deste texto, apontando perspectivas de novas pesquisas. Se o passado é revisitado através de uma memória que remete à escravidão, expressando assim uma “consciência histórica”, uma boa proposta para análises vindouras é verificar como tal se deu em sua devoção à santa católica e no rufar dos instrumentos de percussão. (Weimer, 2013, p. 428)

Aceitando os apontamentos de Weimer, investigamos a memória e as vivências quilombolas com a santa. Em Teixeira, a devoção a Nossa Senhora do Rosário remonta ao tempo do cativo, época em que escravizados e senhores eram devotos da santa. A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, em Mostardas, deve ter sido criada por volta de 1773,<sup>9</sup> sendo uma das primeiras irmandades a serem construídas no Rio Grande do Sul; posteriormente, apenas a de Viamão, estabelecida em 1754. Alguns anos mais tarde, no dia 12 de julho de 1804, os irmãos solicitaram a confirmação de compromisso a d. João VI, então príncipe regente, conforme documento: “Dizem os irmãos da Irmandade da Senhora do Rosário da Freguesia de São Luís de Mostardas, do continente do Rio Grande, que eles (...) da Irmandade (...) compromisso junto o qual (...) confirmação de Vossa Alteza (...)”.<sup>10</sup> Na pesquisa realizada no arquivo de São José do Norte, para vasculhar vestígios sobre a referida irmandade, nos poucos documentos ainda restantes do século XIX, apareceram entre os ofícios apenas as irmandades Almas e Sacramento. Os testamentos de Manoel e de Roza, principalmente, apontam para a permanência da Irmandade do Rosário no começo do XIX. No ano de 1859, existiriam duas irmandades em Mostardas: Santíssimo Sacramento e São Luiz, ambas com compromissos regulares e aprovados.<sup>11</sup> E a Irmandade do Rosário? Teria deixado de executar suas atividades por algum período? Talvez por isso seja difícil encontrar documentos; talvez ela tenha deixado de existir oficialmente.

A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Mostardas, fundada no século XVIII, mantém-se até a atualidade a partir do ensaio de pagamento de promessas ou ensaio de quicumbi, que é um ritual religioso afro-católico em que homens negros dançam e cantam por aproximadamente 12 horas, do pôr do sol ao raiar do dia, em agradecimento a um pedido atendido pela santa. A origem de tal ritual remonta ao período da escravidão, época em que, segundo relatos, a santa apareceu

---

<sup>9</sup> Não encontramos nenhuma documentação da irmandade dessa data, mas ela é mencionada por alguns sítios eletrônicos, como o da pesquisadora Marisa Guedes, 2009.

<sup>10</sup> Requerimento dos irmãos da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário da freguesia de São Luiz de Mostardas, 1804. Fundação Biblioteca Nacional, Conselho Ultramarino, Brasil - Rio Grande do Sul, caixa 7, n. 52. Disponível em: [http://resgate.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=019\\_RS&PagFis=4965&Pesq=](http://resgate.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=019_RS&PagFis=4965&Pesq=). Acesso em: 30 maio 2018. Os trechos ilegíveis foram sinalizados com “(...)”.

<sup>11</sup> Relatórios dos presidentes das províncias brasileiras, 1859, n. 2. Fundação Biblioteca Nacional, Império (RS) - 1830 a 1889. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=252263&pagfis=1707&url=http://memoria.bn.br/docreader#>. Acesso em: 30 maio 2018.

na beira do mar, deu as mãos a um negro e a ele ensinou todas as danças e cânticos, que foram transmitidos pela oralidade e pela observação dos atuais dançantes da irmandade. A fé na santa e os percursos que os camponeses negros realizam, especialmente com o ensaio, estendem simbolicamente o território negro pelo litoral. Assim, como a Irmandade do Rosário existe desde o século XVIII, o ensaio pode ter surgido durante a escravidão. As narrativas apontam que a santa ensinou as danças e os cantos para um negro e assim, através da oralidade e da observação, o ritual existe até a atualidade.

Moreira (2016), ao analisar a apropriação negra do espaço católico em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, traz um requerimento realizado por João Francisco Bernardo, um africano, liberto, ao chefe da polícia, em 25 de outubro de 1850. João pedia autorização para realizar seu ensaio “para a dança que costuma sair pelo Natal com o nome de quicum-bi”. Acrescentou que se comprometia a não fazer “bulha” ou “algazarra”. Quanto à localização, informou que o ensaio seria no terreno de sua casa, no Beco do Rosário. Sobre a data e o horário, apontou que seriam realizados somente no domingo e nos dias santos, das 16 às 18 horas. Declarou ainda que “seus ensaios são decentes para poder dançar em casa de famílias particulares pelo Natal”.

Em Mostardas, a irmandade, fundada durante o século XVIII, foi dividida em quatro grupos, de acordo com relatos quilombolas: Irmandade do Rincão de Cristóvão Pereira, Irmandade de Casca, ambas já findadas, Irmandade dos Teixeiras e Irmandade de Tavares. O fim das duas irmandades (Casca e Cristóvão Pereira) é explicado pelo fato de que não há jovens nas comunidades para assumir o ensaio. Lobo (2010, p. 84) comenta que a Irmandade do Rincão do Cristóvão Pereira foi extinta devido ao falecimento dos guias e à falta de pessoas treinadas para assumir as caninhas.<sup>12</sup> Desse modo, a ausência de um substituto para ocupar a chefia foi determinante para a desarticulação do grupo. Entretanto, a autora argumenta que o fim da irmandade não impediu que ainda haja devotos, dançantes e promessas a serem pagas. No Limoeiro, também não há mais a prática do ensaio.

Grigio (2016) investiga a trajetória da Irmandade Nossa Senhora do Rosário e de alguns integrantes, no período compreendido entre o final do século XIX e o começo do XX, na localidade de Santa Maria, região

---

<sup>12</sup> A caninha é um instrumento semelhante a um reco-reco, usado pelo guia geral. No ensaio, os irmãos formam duas filas, em frente ao altar. Em frente a cada fila está o guia geral, que começará as cantigas e as danças que os demais irmãos seguirão.

central do Rio Grande do Sul. Segundo o autor, as irmandades eram associações religiosas que tinham como uma das principais finalidades a devoção a um santo. Sobre o compromisso das irmandades, o autor informa que era um estatuto que continha as obrigações e os benefícios de cada um dos membros. No caso da Irmandade do Rosário de Mostardas, não é possível identificar obrigações e direitos, nem seus membros, pois o compromisso apenas é citado, porém a existência/resistência da irmandade na atualidade possibilita compreender como ela é acionada, na contemporaneidade, por seus devotos.

Ao analisar as devoções e irmandades na Bahia setecentista, Reginaldo (2005) destaca que a devoção a Nossa Senhora do Rosário, entre pretos cativos e forros, remonta ao século XVII. A autora refere que, na matriz da Conceição da Praia, o compromisso aponta angolas e crioulos como construtores e patrocinadores da capela do Rosário, erigida no final do século XVII. Além disso, estes eram dois grupos que deveriam ocupar os cargos de juiz e juíza e as demais funções diretivas mais importantes da irmandade. Essa situação era recorrente em Salvador, onde angolas e crioulos tinham, nas palavras da autora, o “privilegio étnico”, e prossegue no século seguinte: das 17 irmandades identificadas pela autora, no século XVIII, dedicadas ao culto de Nossa Senhora do Rosário, no arcebispado da Bahia, nove privilegiavam angolas e crioulos nos cargos de direção.

Segundo Grigo (2016), a devoção a Nossa Senhora do Rosário foi sendo construída por centenas de anos, até sua consolidação como principal padroeira da população negra da América portuguesa e do Brasil imperial. Para o historiador, as irmandades eram importantes mecanismos de solidariedade, ajuda mútua, manutenção ou constituição de identidades, e ainda de novas releituras diante da escravidão para a população negra. Voltemos nosso olhar para o litoral do Rio Grande do Sul: a localidade enfrentou problemas relacionados à dificuldade de circulação de pessoas e de meios de locomoção e parecia ter sido esquecida pelas autoridades. Tudo isso gerou uma necessidade de que homens e mulheres escravizados se unissem diante da fé em Nossa Senhora do Rosário para enfrentar todas as agruras da escravidão e as dificuldades após a entrada pela estreita porta da liberdade. A Irmandade do Rosário, portanto, foi uma importante rede da população escravizada e liberta.

Ao investigar a Bahia, Reis (1991) destaca que existiam irmandades poderosíssimas, cujos membros pertenciam à nata da elite branca colonial. No topo dessas irmandades, estavam as Santas Casas de Misericórdia. No compromisso da Misericórdia de Lisboa, de 1618, o mesmo que regia na Bahia, constava que os membros deveriam ser alfabetizados e “abastados



de fazenda” e a proibição da presença de trabalhadores manuais. Além das Santas Casas, as irmandades da Ordem Terceira, destacando as de São Francisco e do Carmo, também eram frequentadas por aristocratas. O autor usa o termo “irmãos de raça” para relatar as divisões das irmandades: de pretos, de pardos e de brancos. Porém, as mais numerosas eram formadas pelos “homens de cor” (crioulos, mulatos e africanos). No caso das irmandades africanas, elas dividiam-se de acordo com a etnia de origem dos seus membros.

As irmandades possibilitavam a tessitura de solidariedades entre seus membros, conforme aponta Reis (1991). No caso da Irmandade de Rosário de Mostardas, nota-se que essa solidariedade resiste até a atualidade entre os fiéis. Outro trabalho importante para pensarmos a Irmandade Nossa Senhora do Rosário é o de Muller (2008, p. 267), que destaca que a irmandade de Porto Alegre foi fundada em 1786, quando cerca de 220 pessoas, a maioria negras, assinaram a ata de fundação. A irmandade preocupava-se com a questão educacional e com a ideia de formação de pecúlio, que foi estimulada, visando que os escravizados pudessem comprar a carta de alforria; além disso, foram construídas, ao redor da igreja, casas para moradia e para pequenos estabelecimentos comerciais. Diante do apoio e da rede de solidariedade formada pelos membros da irmandade, a autora notou que havia uma quantidade significativa de bens nos testamentos pesquisados.

Retornando ao tempo da escravidão, ao analisar os documentos dos Campos da Caieira, em Mostardas, onde atualmente residem os remanescentes quilombolas de Teixeiras, notou-se que tanto Manoel Teixeira como Roza Tereza de Jesus mencionaram Nossa Senhora do Rosário e a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos em seus testamentos. No testamento, Manoel menciona: “por me salvar e remir Nossa Senhora do Rosário”.<sup>13</sup> Por sua vez, Roza informa que era católica e devota de Nossa Senhora do Rosário. Na hora de registrar suas últimas palavras, a fiel deixou algumas doações àqueles escravizados que a acompanharam em vida; alguns, senão todos, possivelmente eram devotos da mesma santa. Uma fé que sobrevive até os dias de hoje, tanto por quilombolas, camponeses negros e outros membros da região, inclusive brancos. De acordo com as últimas vontades de Roza:

---

<sup>13</sup> Testamento de Manoel Teixeira Batista, 1818b. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, Arquivo Particular do Campo dos Teixeiras, documento n. 14.

Declaro que chegando a hora do meu fim que espero todos os instantes e do meu falecimento, o meu corpo será hábito de São Francisco acompanhado do meu reverendo vigário e mais sacerdotes que se acharem e das *Irmandades Almas, Sacramento e Nossa Senhora do Rosário* e a todos se dará esmolas ao estilo e os reverendos sacerdotes celebrarão missas de corpo presente e continuarão até o sétimo dia e o meu reverendo pároco cantará a missa de óbito e sétimo dia, a todos se dará a esmola costumeira.<sup>14</sup>

Dos três irmãos, Manoel e Roza citam a santa e a Irmandade Nossa Senhora do Rosário entre suas últimas palavras. Infelizmente, conforme exposto anteriormente, há uma lacuna de documentos escritos sobre a Irmandade do Rosário, em Mostardas. Na década de 1960, encontramos referência no livro tombo da igreja de Mostardas sobre a atuação da Irmandade de “morenos”, época em que o padre Simão Moser, que dirigiu a paróquia entre 1951 e 1982, proibiu as manifestações de ensaio de promessa e regulou a festa do Rosário. A festa de Nossa Senhora do Rosário teria sido suspensa “devido aos abusos que haviam se introduzido, culminando com excessos de beber”. E, por isso, a festa de 1963 somente foi autorizada com as seguintes condições:

1. O responsável pela festa seria o padre vigário, o festeiro só poderia organizá-la de acordo com tudo e por tudo com o padre. Os tradicionais ensaios não seriam permitidos devido aos grandes abusos que se deram no lugar. A promessa do ensaio se substituíria pela promessa de uma santa missa.
2. Os donativos arrecadados, descontada a despesa módica da banda e jaquetas, seriam entregues ao vigário ou comissão de obras da igreja.
3. A festa seria celebrada dentro do mês de outubro. (apud Guedes, 2009)

Nota-se que houve uma tentativa de proibição dos ensaios de promessas realizados pela irmandade e de regramentos na festa do Rosário. De acordo com as novas normas, o promesseiro (aquele que tem seu pedido atendido pela santa e chama a irmandade para pagar a promessa) deveria substituir o ensaio por uma santa missa. Este ponto nos remete para uma tentativa de apagar a história de um ritual que surgiu durante a escravidão e que, pela oralidade, perpassou gerações de famílias negras. A festa e o ensaio são dois momentos distintos de devoção a Nossa

---

<sup>14</sup> Testamento de Roza Tereza de Jesus, 1826. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, Arquivo Particular do Campo dos Teixeira, documento n. 8 (grifo nosso).

Senhora do Rosário. O ensaio envolve um momento entre a irmandade e Nossa Senhora do Rosário, sem a participação direta da igreja católica. Retornando às orientações do padre, a festa do Rosário de 1963 deveria também ser adaptada às novas exigências do pároco; com isso, há uma minimização do festeiro, geralmente uma pessoa negra da comunidade, pois o responsável pela festa deveria ser o padre vigário. Os donativos arrecadados para a festa deveriam ser entregues ao vigário ou à comissão de obras da igreja, descontando apenas os gastos com a banda e com a jaqueta. Além disso, o festeiro deveria ser realizado no mês de outubro.

Sobre a proibição dos ensaios, Lobo (2010, p. 89-90), ao analisar a Irmandade de Rosário de Tavares,<sup>15</sup> comenta que escutou relatos sobre a censura ao ritual pelos padres católicos de Tavares, por um determinado período, não datado pelos informantes. Provavelmente, essa interdição ocorreu na década de 1960, conforme documento analisado anteriormente. Leite (2004, p. 172), por sua vez, ao analisar a comunidade remanescente quilombola de Casca, traz o depoimento de dona Adolfina, remanescente quilombola, que, com uma expressão muito triste e saudosa, lembra que um padre católico proibiu o ensaio, alegando que o ritual era “coisa de batucaria”. Por coincidência ou não, no final da década de 1970, a festa do Rosário começou a ser realizada dentro dos campos dos Teixeiras, na capela que recebeu o mesmo nome da santa. A capela foi construída, segundo relatos dos quilombolas, no período em que as plantações de cebola rendiam ótimos lucros para os camponeses negros. O terreno onde foi erguida a capela fazia parte de uma sobra de terras dos Teixeiras. Dona Osvaldina da Costa Carneiro conta que seu pai foi o festeiro da primeira festa do Rosário realizada nos Teixeiras. Segundo lembra, o chão foi benzido, mas naquele momento a festa foi organizada no campo, pois não havia nenhuma obra. Porém, as arrecadações do festeiro foram tão grandes que foi possível começar a construção da capela. Dona Osvaldina e sua filha Magda, ambas quilombolas de Teixeiras, contam sobre a primeira festa do Rosário em Teixeiras.

**Magda:** O que eu sei, em que ano foi? Foi no mesmo ano da Marisa, foi mil novecentos e... que foi a primeira festa que o vô fez.

**Dona Osvaldina:** A primeira eu não tinha a Marisa, tinha? Não, eu não tinha. A Marisa tinha nove meses. A primeira festa? Marisa está com 40. A Marisa

---

<sup>15</sup> Tavares emancipou-se de Mostardas em 1982. A Irmandade do Rosário de Mostardas, ao passar dos séculos, dividiu-se em, pelo menos, quatro: Teixeiras, Casca, Rincão Cristóvão Pereira (município de Mostardas) e Tavares (município de Tavares).

tinha... Eu não tinha a Marisa na primeira. A Marisa nasceu em abril e a festa foi em janeiro, dia 6 de janeiro. Que data?

**Magda:** Pois então aquilo foi em setenta... a Marisa é de setenta e nove?

**Dona Osvaldina:** Quarenta. A Marisa fez quarenta agora em abril.

**Claudia Daiane:** Então de setenta e oito.

**Magda:** É, tá certo, setenta e oito, o Marquinho é de oitenta.

**Dona Osvaldina:** Foi o ano da primeira festa.

**Claudia Daiane:** A primeira festa aqui nesta capela?

**Magda:** Mas, ainda não tinha a igreja.

**Claudia Daiane:** Não tinha igreja? E onde foi feita?

**Magda:** Era no campo, feita em campo aberto, não é mãe?

**Magda:** E os festeiros foram o Dorival e a Elita.

**Claudia Daiane:** S. Dorival? Os pais dela.

**Magda:** Eles fizeram a festa, não é mãe? Com aquele dinheiro arrecadado, porque antes as festas eram lá em Mostardas, eles iam fazer lá. Com este dinheiro arrecadado desta festa, até foi no dia 6, dia 6 de janeiro?

**Dona Osvaldina:** A primeira festa?

**Magda:** Isto, de mil novecentos e setenta e nove.

**Dona Osvaldina:** A segunda festa eu sei que foi dia 6 de janeiro, a segunda, a primeira eu não lembro quando foi a data, mas foi em janeiro.

**Magda:** A mãe diz a primeira e a segunda por que a primeira que ele (vô) fez aqui não tinha a igreja, com o dinheiro da arrecadação desta festa.

**Dona Osvaldina:** Deu para ele fazer duas festas.

**Magda:** Deu para fazer. Já que arrecadou um dinheiro bom desta primeira festa o seu Dorival vai continuar ele e a dona Elita, os mesmos festeiros. E com o dinheiro arrecadado nós vamos fazer a capela e eles vão ser os primeiros festeiros da capela.

**Claudia Daiane:** E por que esta festa foi festa aqui e não em Mostardas, pois era sempre em Mostardas a festa? Vocês iam lá? Os Teixeiras iam lá? Quem eram os festeiros? Também daqui de Teixeiras?

**Magda:** Iam lá.

**Dona Osvaldina:** Meu vô foi festeiro lá, mas não lembro, não sei se eu era nascida. O pai do pai, do meu pai, que era o vô Arnaldo, ele foi festeiro lá em Mostardas, meu tio, da madrinha Minda, como nós chamamos, também foi festeiro em Mostardas, falecido seu Gerônimo, foi festeiro em Mostardas. (Carneiro, 2016b)

Pelos depoimentos das quilombolas, nota-se que a memória foi acionada sobre a primeira festa e as lembranças foram organizadas a partir do nascimento de Marisa, filha de dona Osvaldina. Pela sua narrativa, na segunda festa organizada pelo seu pai, seu Dorival, Marisa tinha nove

meses de idade. Anteriormente à festa nos Teixeira, o evento era realizado em Mostardas, mas as informantes não sabem o porquê da mudança de localidade. A primeira festa foi organizada em campo aberto, pois a capela somente foi construída a partir das doações arrecadadas. Cruzando as informações, ressalto que no final da década de 1970, começo dos anos 1980, o plantio de cebola rendeu bons lucros aos camponeses negros, conforme relatos dos quilombolas, talvez por isso puderam fazer boas contribuições a seu Dorival.

Sobre os festeiros de Nossa Senhora do Rosário em Mostardas, as quilombolas informam que muitos eram parentes e conhecidos negros de Teixeira. Dona Osvaldina cita seu avô, seu Arnaldo, além de tios; já Magda menciona os pais do seu Ênio, que atualmente é membro da Irmandade de Rosário de Teixeira. Destaco que o festeiro de 2016 foi Cristiano Silva, também membro da mesma irmandade. Nota-se, portanto, que essa função geralmente é cumprida por sujeitos negros e há uma relação entre festeiros e membros da irmandade.

A fé na santa está presente no dia a dia dos camponeses negros. Magda Carneiro e sua mãe, dona Osvaldina da Costa Carneiro, comentam sobre o livro que o festeiro da Festa do Rosário leva nas casas dos féis para arrecadar doações para o evento. Em Mostardas, a festa de Nossa Senhora do Rosário ocorre anualmente, na segunda semana do mês de janeiro, na capela católica localizada nas terras da comunidade remanescente quilombola de Teixeira, construída no começo da década de 1980. Durante os dois dias de evento (que inclui missa, novena, almoço, jantar, leilões e bailes), a comunidade de Teixeira recebe a vizinhança, incluindo os quilombolas da região.

**Claudia Daiane:** Tu falaste que as pessoas pegam o livro de doações que tem a imagem (da santa) e circulam pela casa, pela plantação. O que se pede para Nossa Senhora do Rosário? Tu falaste da plantação...

**Magda:** Eu vou contar por mim, a mãe passou, de certo passaram para ela. Eu agradeço, eu gosto de levar nas peças da minha casa, pedindo para abençoar minha casa, minha horta.

**Dona Osvaldina:** Para ela abençoar e agradecer a visita dela, que está nos visitando, a imagem da santinha.

**Magda:** Eu acho que isso é uma tradição não só minha, mas também de todos os outros moradores. Nós gostamos de pegar a imagem que tem na capa do livro. Eu gosto de levar até a horta, agradecer as plantações que eu tenho e pedir também pela minha saúde. Assim como se fosse uma visita, ali naquela imagem, eu boto como se fosse uma visita ilustre. Porque eu também sou muito devota a Nossa Senhora do Rosário. Agradeço muito a ela por tudo. Acho que

tem muitos outros aqui também, e isso eu acho que foi passado de geração em geração, por que somos bem, bem devotos. Nós temos até a imagem de Nossa Senhora Aparecida também ali na capela, mas o pessoal é bem devoto de Nossa Senhora do Rosário. (Carneiro, 2016b)

Pelos relatos das quilombolas, nota-se que a presença do livro de doações com a imagem de Nossa Senhora do Rosário é tratada com muito respeito e nessa ocasião se agradece e se faz pedidos à santa. Quando o livro circula pela propriedade dos camponeses negros, esse momento é visto como uma proximidade com a santa; é uma “visita ilustre”, com quem se conversa diretamente, agradecendo pelas plantações. Este agradecimento é muito importante, pois a horta farta garante o sustento de toda família. Além disso, os devotos agradecem pela saúde. Notei que essa proximidade com a santa, sem a intermediação da igreja católica, é muito importante na relação dos fiéis, pois estreita os laços com a santa. Outro momento de proximidade, sem intervenção direta da igreja católica, ocorre na realização do ensaio de pagamento de promessas.

Magda Carneiro informa que antigamente os padres iam aos Teixeiras para fazer missas. Os padres deslocavam-se a cavalo e realizavam as missas em galpões ou embaixo das figueiras. A partir de então, ela acredita que os camponeses negros se organizaram para construir uma capela. E dona Osvaldina acrescenta que a festa do Rosário não foi realizada em alguns anos, mas desconhece o motivo. Do mesmo modo, relembra que o ensaio ficou paralisado por um período.

Retornando à questão da transferência da festa para o interior das terras dos camponeses negros, a maioria dos entrevistados não sabia informar o motivo. Há várias explicações que apontam para a existência de famílias negras como responsáveis por essa mudança: sendo uma santa dos negros, deveria estar na terra de negros.

A festa do Rosário ocorre até a atualidade, sempre na segunda semana do mês de janeiro, nas sextas e sábados. A mudança do mês, de outubro para janeiro, é resultante da necessidade de mão de obra para os períodos de plantio de cebola, em outubro. Sobre os dias escolhidos serem sexta e sábado, a decisão está ligada à necessidade da comunidade em pensar naqueles devotos que não residem mais na localidade e que necessitam viajar para trabalhar na segunda-feira seguinte.

Nos dias 8 e 9 de janeiro do ano de 2016, participei da festa de Nossa Senhora do Rosário, realizada na capela que recebeu o mesmo nome da santa, localizada na comunidade remanescente quilombola de Teixeiras. No começo da noite, comecei a avistar os ônibus e os carros que passavam

em direção à capela de Nossa Senhora do Rosário. Notei que a festa reunia uma grande quantidade de pessoas de fora da comunidade.

Pelos roteiros dos ônibus que fizeram o trajeto até a festa, percebe-se o envolvimento da vizinhança. Foram realizados dois roteiros diferentes para cada dia. No dia 8, o trajeto consistia em passar pela rodoviária de Mostardas, pelo centro comunitário, pelo beco dos Colodianos (onde há uma comunidade remanescente quilombola) e pelo beco da Serraria Pires. No dia 9, o ônibus passaria em Tavares (onde há as comunidades quilombolas Capororocas e Olhos d'água), passando pelo Rincão e pelo beco do Pierre; seguiria o trajeto entrando em Casca (onde há a comunidade quilombola de Casca), passando pela Solidão, Povos, São Simão, beco dos Colodianos e beco dos Domingos, rodoviária de Mostardas, passando na Serraria Pires. Além dos participantes que chegaram em ônibus disponibilizados pela organização da festa, outros desses veículos chegaram, principalmente no sábado, e muitos carros, que trouxeram antigos moradores, que atualmente residem longe da comunidade. Desde aqueles que foram residir em outra comunidade, como Casca, até os que foram morar em outros centros urbanos, como Porto Alegre.

De acordo com o texto do folder da festa de Nossa Senhora do Rosário em 2016, o convite se deu da seguinte maneira:

A diretoria, festeiros e alferes da capela Nossa Senhora do Rosário de Teixeira convida V.S.<sup>a</sup> e Exma. família para a festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário, que se realizará nos dias 8 e 9 de janeiro de 2016.

A diretoria da capela, os festeiros Cristiano da Silva e Claudia R. de Souza Santos, quilombolas de Teixeira, responsáveis pelas arrecadações e organização da festa de 2016, e os alferes, Jorge Luiz Costa Machado e Evelin Figueira da Silva, dois jovens quilombolas escolhidos pelos festeiros para ajudarem na organização da festa, fizeram o convite para o evento. Ao serem indagados sobre as funções do festeiro, as quilombolas Magda e dona Osvaldina informam que, em Teixeira, um casal é escolhido e cabe à dupla visitar as casas de todos os católicos da comunidade para solicitar as contribuições, com o livro de doações que tem a imagem da “santinha”. Conforme foi analisado, os fiéis gostam de pegar o livro e andar pela casa, pelo galpão e pelas plantações para pedir a benção de Nossa Senhora de Rosário. Após fazerem as doações, assinam o livro. Outra função dos festeiros é a escolha dos alferes, que são jovens solteiros que devem ajudar na organização e, no dia da festa, carregar a bandeira de Nossa Senhora do Rosário. A dupla de festeiros para a próxima festa

é escolhida a partir de um sorteio. Num copo, coloca-se o nome de três casais da comunidade, indicados pelos festeiros atuais; no outro copo, há três papéis, sendo um com o nome de “festeiro”. Magda conclui: “a tradição aqui é colocar festeiros negros”.

Além das funções mencionadas, ainda há o casal representante e nove casais de noveneiros, responsáveis pela novena no segundo dia da festa. Cristiano Silva, um dos festeiros de 2016, explica as suas funções:

**Claudia Daiane:** O que faz um festeiro na festa de Nossa Senhora do Rosário? Quais as suas funções?

**Cristiano Silva:** A função do festeiro na festa de Nossa Senhora do Rosário é assim... eles fazem um sorteio e tiram um festeiro e aquele festeiro vai trabalhar o ano todo pedindo esmola, organizando para fazer a festa da Nossa Senhora do Rosário. Ele arruma conjunto, organiza a função da comida, faz toda a organização. Faz a festa, eles conferem o dinheiro, faz a contagem, tiram os gastos da festa e o outro vem com a conta do banco que é para fazer renovação da capela, pintar, telhado. E sai, não sei se sete ou dez por cento para o padre e o resto fica para a capela comprar cadeira, comprar isso, aquilo. A função do festeiro é convidar o pessoal, pedir e, quando chega o dia da festa, receber o pessoal. (Silva, 2018)

De acordo com Cristiano, o festeiro trabalha durante o ano todo organizando a festa, procurando o conjunto musical, organizando a alimentação, as atrações etc. Para isso conta com as esmolas dos demais devotos. Parte do dinheiro arrecadado na festa é repassada para o padre, possivelmente para a paróquia, e o restante fica na capela, para ser utilizado na manutenção. Desse modo, a festa permite que a capela construída pelos Teixeira, no começo da década de 1980, permaneça até a atualidade e com melhorias, como a construção de um amplo salão, onde são servidas as refeições e realizados os bailes.

Nos dois dias, fui à festa na companhia da família do Márcio Carneiro, sua mãe, dona Osvaldina, seu pai, seu Chico, suas irmãs, Magda e Marisa, e cunhados e sobrinhos. No dia 8, ao chegarmos à capela, a novena já estava sendo realizada pelo padre Gil. A capela estava lotada. Em seu interior, além da imagem de Nossa Senhora do Rosário, havia Nossa Senhora Aparecida e um quadro com os apóstolos negros. Após a novena, fomos para um salão amplo, ao lado da capela, onde foi servido um jantar farto. Após a refeição, começou a música ao vivo, que permaneceria durante boa parte da madrugada.

O espaço interno da capela foi pequeno para os fiéis que escutavam o padre Gil. Alguns ficaram tentando ver e escutar a missa pelo lado de fora



e outros aguardavam no salão. Pelos presentes na primeira noite de festa, é possível perceber que a maioria era composta por negros, isso possivelmente é explicado pelo fato de que, como Magda Carneiro lembrou, a festa reúne muitos familiares dos Teixeiras.

No dia 9, após a novena, os fiéis carregaram a imagem de Nossa Senhora do Rosário da capela até ao salão, ante a realização de uma pequena procissão. Na Figura 1, podemos perceber a presença de algumas pessoas não negras carregando a imagem da santa, mas ao fundo nota-se a grande presença dos negros. O festeiro Cristiano Silva aparece na imagem, à frente, segurando o suporte que carrega a santa. A procissão foi acompanhada pela Irmandade do Rosário de Teixeiras, que fez uma apresentação. Cristiano Silva comenta que a participação da Irmandade de Teixeiras na festa ocorreu por ele ser devoto da santa, membro da irmandade, juntamente com seu pai, seu João Manoel, e com seu tio, seu Hirto. Ele argumenta que não é comum a irmandade participar da festa, mas que decidiu incluir a apresentação. Além disso, afirma que Teixeiras possui o grupo do ensaio, que deveria estar presente em todas as edições da festa, pelo menos na procissão.

A imagem é emblemática, pois, segundo Cristiano Silva, a Irmandade do Rosário, com seu grupo de ensaio, não costuma participar da festa, embora eles sempre estivessem presentes, como devotos da santa. Na Figura 2, podemos perceber a presença do guia geral (responsável por começar as cantigas e as danças), seu Jaci (na primeira fileira, à direita), que ajuda Cristiano Silva; o outro guia geral é seu Luís Faustino (primeira fileira, no meio), que dança também na Irmandade de Tavares; no tambor, está o pai de Cristiano, seu João Manoel (primeira fileira, à esquerda), filho de Antônio Zabela, guia geral e rei Congo, reconhecido pela comunidade negra como um dos “grandes do ensaio”; atrás, estão seu Ênio e seu irmão.

Cabe pontuar que o ensaio possui o rei do Congo e a rainha Ginga; embora nosso foco neste artigo seja a festa, é importante analisar esses personagens. Souza (2002), ao analisar a coroação dos reis negros no Brasil, afirma que as festas que celebravam santos padroeiros ajudaram na consolidação da identidade das comunidades negras. Para a autora, as irmandades atendiam aos interesses de seus membros, mas também da sociedade senhorial, sendo um instrumento de controle sobre os negros. Destaca que os africanos foram separados de seu mundo e das pessoas que davam sentido a sua existência pessoal; assim, buscando um novo sentido para sua vida, reagruparam-se, formando novos laços e identidades, e com isso tornaram-se malungos durante a travessia do



**Figura 1** – Procissão de Nossa Senhora do Rosário, da capela até o salão de festas. Foto: Cláudia Daiane Garcia Molet, janeiro de 2016.



**Figura 2** – Apresentação da Irmandade Nossa Senhora do Rosário, de Teixeira, na festa do Rosário. Foto: Cláudia Daiane Garcia Molet, janeiro de 2016.

Atlântico, companheiros de senzala, integrantes de corporações de trabalho ou ainda irmãos de Nossa Senhora do Rosário. Nas irmandades, o perfil dos membros foi tornando-se mais homogêneo, integrando africanos de nações diferentes e, aos poucos, os diferentes reis de nação deram lugar ao rei de Congo, “na medida em que as diversidades foram sendo apagadas em favor de uma identidade comum, historicamente construída, de negros católicos”.

Segundo Moreira (2016), a rainha Ginga era uma referência à rainha quibundu Nzinga Mbundi, do reino do Ndongo (parte da Angola atual). No século XVII, Nzinga resistiu ao avanço português a partir de uma grande aliança com povos que outrora eram inimigos ferrenhos. O autor traz a história de Maria José, uma preta forra, rainha Ginga, da nação Angola, que no ano de 1850 informou que sua licença obtida para brincar “ao modo de suas nações” havia sido cassada. Maria comenta que, até então, o brinquedo era realizado em algumas residências na rua do Rosário, porém sugeria que fossem deslocados para a rua da Várzea. Maria José teve seu pedido atendido, desde que fossem realizados fora da área central, pois havia muitas reclamações da vizinhança, em decorrência dos barulhos do batuque. Notamos, desse modo, que a presença da rainha Ginga remonta ao período da escravidão, assim como a do rei do Congo.

Retornando à festa, destaca-se que é um momento em que se percebe uma rede de fé, de parentescos e de solidariedade, conforme argumenta a quilombola Magda Carneiro:

**Magda Carneiro:** às vezes, a festa dos Teixeira não é tanto daqui, vêm moradores daqui, mas vem muita gente de fora, porque é tudo parente, tem parente que mora em Porto Alegre, Viamão, Pelotas, São José do Norte, Rio Grande. E eles vêm tudo, pois já sabem que é em janeiro. (Carneiro, 2016a)

Conforme Magda e outros quilombolas relataram, a festa do Rosário é um momento de encontro de parentes que estão fora da comunidade, como em Porto Alegre, Viamão, Pelotas e São José do Norte; afinal, “é tudo parente”. A festa também é um momento de pagamento de promessas, não da mesma maneira que no ensaio. Edmara Silva, quilombola de Teixeira, relata que quando sua filha adoeceu, ela fez uma promessa à santa de que, se a menina ficasse curada, decoraria o salão da igreja no dia da festa do Rosário; e assim ela fez. Desse modo, percebe-se que a fé na santa está presente no dia a dia do litoral negro e que os ajuda nos momentos de desespero.

Desse modo, a fé em Nossa Senhora do Rosário remonta ao século XVIII, época da fundação da Irmandade Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos em Mostardas, e resiste até a atualidade com a festa e o ensaio. Esse sentimento une o campesinato negro litorâneo do Rio Grande do Sul, que em momento de desespero vê na santa a única solução e roga por sua saúde e pelos seus, pela terra, por uma boa colheita. As redes são acionadas e reconectadas em cada festa, em cada ensaio.

## Fontes

Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Arquivo Particular do Campo dos Teixeiras Fundação Biblioteca Nacional. Império (RS) – 1830 a 1889; Conselho Ultramarino, Brasil - Rio Grande do Sul

## Referências

- ANJOS, J. C. G. dos (coord.). Relatório sócio, histórico e antropológico da comunidade quilombola do Limoeiro – Palmares do Sul (RS). Porto Alegre, 2009.
- BARCELLOS, Daisy Macedo de et al. *Comunidade negra de Morro Alto: historicidade, identidade e territorialidade*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- BITENCOURT JUNIOR, Iosvaldyr Carvalho. *Maçambique de Osório – entre a devoção e o espetáculo: não se cala na batida do tambor da Maçaquaia*. 2006. 442 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- CARNEIRO, Magda. *Magda Carneiro: depoimento* [jun. 2016]. Entrevistadora: Claudia Daiane Garcia Molet. Mostardas: Residência da família, 2016a.
- CARNEIRO, Osvaldina Dias; CARNEIRO, Magda. *Osvaldina Dias Carneiro; Magda Carneiro: depoimento* [jun. de 2016]. Entrevistadora: Claudia Daiane Garcia Molet. Mostardas: Residência da família, 2016b.
- GOMES, Flávio dos Santos. *História dos quilombolas: mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro, século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- GRIGIO, Ênio. “No alvoreço da festa, não havia corrente de ferro que os prendesse, nem chibata que intimidasse”: a comunidade negra e a Irmandade do Rosário (Santa Maria, 1873-1942). 2016. 305 f. Tese (Doutorado em História) – Unisinos, São Leopoldo, 2016.
- GUEDES, Marisa. *Ensaio de promessa*. Porto Alegre: 2009. Disponível em: <http://marisaguedeshistoriadora.blogspot.com/2009/05/ensaio-de-promessa.html>. Acesso em: 10 maio 2018.
- LEITE, Ilka Boaventura. Os quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas. *Etnográfica: revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA)*, Lisboa, v. 4, n. 2, p. 333-354, 2000.
- LOBO, Janaina Campos. *Entre gingas e cantigas: etnografia da performance do ensaio de promessa de Quicumbi entre os morenos de Tavares, Rio Grande do Sul*. 2010. 157 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.
- MELLO, Josemir Camilo de. *Cultura, memória coletiva e identidade étnica na ciranda de Caiana dos Crioulos (Alagoa Grande - PB)*. In: Encontro Nacional de História Oral, 10., 2010, Recife. Anais eletrônicos... Recife: UFPE, 2010. Disponível em: [http://www.encontro2010.historiaoral.org.br/recursos/anais/2/1269032135\\_ARQUIVO\\_CULTURA\\_MEMORIALCOLETIVAEIDENTIDADEETNICANACIRANDADECAIANA.pdf](http://www.encontro2010.historiaoral.org.br/recursos/anais/2/1269032135_ARQUIVO_CULTURA_MEMORIALCOLETIVAEIDENTIDADEETNICANACIRANDADECAIANA.pdf). Acesso em:

- 15 de jun. 2012. MOLET, Claudia Daiane Garcia. *Parentescos, solidariedades e práticas culturais: estratégias de manutenção do campesinato negro no litoral negro do Rio Grande do Sul (do século XIX ao tempo presente)*. 2018. 296 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.
- MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. “E se fazendo a adivinhação da peneira caíra no preto acusado”: lideranças etnorreligiosas numa sociedade escravista. In: COSTA, Valéria; GOMES, Flávio (org.). *Religiões negras no Brasil: da escravidão à pós-emancipação*. São Paulo: Selo Negro, 2016.
- MULLER, Liane Susan. As contas do meu rosário são balas de artilharia. In: SILVA, Gilberto Ferreira; SANTOS, José Antônio dos; CARNEIRO, Luiz Carlos da Cunha (org.). *RS NEGRO: cartografias sobre a produção do conhecimento*. Porto Alegre: EdUPUCRS, 2008. p. 262-271.
- PRASS, Luciana. *Maçambiques, quicumbis e ensaios de promessa: musicalidades quilombolas do sul do Brasil*. Porto Alegre: Sulina, 2013.
- RAMOS, João Daniel Dorneles. *Identidade quilombola: mobilização política e manifestações culturais em Beco dos Colodianos, Rio Grande do Sul*. 2011. 160 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- REGINALDO, Lucilene. *Os rosários dos anjolas: irmandades negras, experiências escravas e identidades africanas na Bahia setecentista*. 2005. 244 f. Tese (Doutorado em História) – Unicamp, Campinas, 2005. Disponível em: [http://www.repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/279889/1/Reginaldo\\_Lucilene\\_D.pdf](http://www.repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/279889/1/Reginaldo_Lucilene_D.pdf). Acesso em: 10 maio 2018.
- REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- SILVA, Cristiano. *Cristiano Silva: depoimento [maio 2018]*. Entrevistadora: Claudia Daiane Garcia Molet. Mostardas: Residência da família, 2018.
- SILVA, Paulo Sérgio da. *Políticas públicas e mediação social na comunidade remanescente de quilombos de Casca – Mostardas, RS*. 2007. 90 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- SOUZA, Marina de Mello e. *Reis negros no Brasil escravista: história da festa de coroação de Rei Congo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- WEIMER, Rodrigo de Azevedo. *A gente da Felisberta: consciência histórica, história e memória de uma família negra no litoral sul rio-grandense no pós-emancipação (c.1847-tempo presente)*. 2013. 467 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.

---

Recebido em 30/4/2019  
Aprovado em 4/9/2019